

O ensino universitário na contemporaneidade: a aprendizagem e seus desafios

The teaching in the university in the contemporaneity: learning and its challenges



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v10i2.2439>

João Bernardo da Silva Filho

Professor do Centro Universitário de Belo Horizonte - UNIBH.

Mestre em Educação pela UFMG.

jfilho@prof.unibh.br



<https://orcid.org/0000-0002-8248-0049>

Solange Maria Moreira Campos

Professora do Centro Universitário de Belo Horizonte - UNIBH.

Mestre em Educação, Administração e Comunicação pela Universidade São Marcos.

solangemoreira@terra.com.br



Recebido em: 26/12/2017 – Aceito em 19/01/2018

Resumo: Um dos objetivos deste estudo é apresentar considerações e reflexões acerca do ensino universitário na contemporaneidade, a partir de uma discussão sobre como as relações interpessoais envolvidas pelo individualismo afetam a aprendizagem dos alunos. Ao mesmo tempo, pretende abordar, de maneira breve, as transformações advindas da revolução tecnológica e da informacional que, além de estarem diretamente relacionadas à vida dos estudantes, também comprometem a socialização do conhecimento, o que, por consequência, deságua nas múltiplas dificuldades de aprendizagem vividas pelo alunado. A partir desse contexto e dos dados estatísticos do Censo da Educação Superior e seus resultados, faz-se, primeiramente, uma análise histórica a respeito, na perspectiva de compreender os desafios do aprendizado envolvido, principalmente, pelas transformações contemporâneas e que estão relacionados tanto ao corpo docente como ao discente. Nesse percurso, conclui-se que a cultura escolar, construída compartimentando-se o conhecimento, precisa restaurar aptidões naturais para, contextualizando saberes, integrá-los em seus conjuntos (Morin, 2003). Nesse sentido, é possível considerar que o processo de aprendizagem se torne mais efetivo, podendo provocar a mudança de uma visão determinista e formal para uma percepção mais livre e criadora. A contextualização se tornará sinônimo da integração do conhecimento para a condução do dia a dia acadêmico.

Palavras-chave: Ensino universitário. Aprendizagem. Transformações tecnológicas e informacionais.

Abstract: One of the objectives of this study is to present considerations and reflections about university education in the contemporary world, based on a discussion about how the interpersonal relations involved in individualism affect students' learning. At the same time, it intends to briefly address the transformations arising from the technological and informational revolution which, in addition to being directly related to students' lives, also compromise the socialization of knowledge, which, consequently, learning by the student. From this context and from the statistical data of the Census of Higher Education and its results, a historical analysis is made first, with a view to understanding the learning challenges involved, mainly, by the contemporary transformations that are related both to the faculty as the student. In this way, it is concluded that school culture, constructed by compartmentalizing knowledge, needs to restore natural abilities to contextualize knowledge, to integrate them into their sets (Morin, 2003). In this sense, it is possible to consider that the learning process becomes more effective, and may lead to a change from a deterministic and formal vision to a freer and more creative perception. Contextualization will become synonymous with the integration of knowledge for the conduct of academic day-to-day.

Keywords: University education. Learning. Technological and informational transformations.

Introdução

Aprendizagem no ensino universitário tem vivido desafios ocasionados pelas transformações contemporâneas, envolvendo tanto o corpo docente como o alunado. No dia a dia das atividades acadêmicas, observamos a apreensão dos professores e dos estudantes em relação aos resultados obtidos.

Em meio a propostas tecnicistas, somadas a programas macroestruturais de renovação curricular, vivemos um momento de dificuldades quanto às possibilidades de realização dos estudantes, conforme é possível constatar, por exemplo, no levantamento feito pelo Ministério da Educação à luz de dados estatísticos do Censo da Educação Superior 2016 publicados pelo INEP (2017).

Quando os resultados encontrados se detêm sobre os dados acerca de ingressantes e de concluintes relativos ao ensino superior, no período de 2010 a 2014, veiculam-se números preocupantes: em 2010, 11,4% dos estudantes abandonaram o curso para o qual foram admitidos. Em 2014, esse número chegou a 49%. Obviamente vários foram os fatores responsáveis por esses resultados. Para melhor entendê-los, faremos, de início, uma abordagem histórica, levando em consideração aspectos das relações humanas.

Um Recorte Histórico

Desde o século XV, ocorreram acontecimentos significativos responsáveis pela formatação de um novo modo de ser da humanidade. Progressivamente, houve o abandono da atuação coletiva, que levava o homem a uma realização em comunidade, com ênfase na individualidade, proporcionando uma configuração do sujeito. O movimento cultural renascentista, marco desse evento, caracterizou-se pela valorização da razão, da liberdade e do individualismo, em defesa do progresso e da felicidade.

A origem desse processo está ligada à crise do século XIV, quando os europeus foram submetidos à peste negra, uma epidemia transmitida por parasitas, como as pulgas e, também, pelos ratos. Paradoxalmente, a catástrofe deveu-se aos efeitos do progresso vivenciado na época, que resultou da expansão comercial promovida pelos negociantes italianos que viajavam para negociar até os confins do Mar Negro e lá entravam em contato com os mercadores vindos da Ásia.

Segundo o historiador Georges Duby (1998), que refletiu sobre a catástrofe no campo cultural, a peste foi considerada uma punição pelos pecados humanos. Mas afloraram, também, pensamentos que provocaram uma revolução na interpretação da vida e do homem. Os estudos desenvolvidos por Nicolau Copérnico, Giordano Bruno, Galileu Galilei, entre outros, cada vez mais definiram a importância do sujeito para a construção do conhecimento pelo uso da razão e pela liberdade em pensar para superar as adversidades da vida, como demonstra Tarnas:

Com o movimento cultural renascentista, a vida humana pareceu adquirir um imediato valor inerente, uma animação e significado existencial que equilibravam ou mesmo deslocavam o enfoque medieval para um destino espiritual em outro mundo. O homem já não era mais tão secundário em relação a Deus, à Igreja ou à Natureza. Aconteceu um prodigioso desenvolvimento da consciência e da cultura Ocidental. (TARNAS, 2001, p. 246)

O Renascimento produziu um movimento de crítica à cultura medieval, criando o mundo moderno, tendo o homem como centro, tornando-o indivíduo e sujeito das suas ações, permitindo-lhe intervir diretamente sobre o mundo para alcançar suas vontades e interesses. Definiu-se, assim, a valorização do indivíduo em suas competências para progredir. Sobre essa transformação, considera o historiador Sevcenko: Tratava-se da fundação de uma nova concepção do saber, completamente adversa aos dogmas medievais e voltada toda ela para o homem e para os problemas práticos que seu momento lhe colocava. A avidez de

conhecimentos se torna tão intensa como a avidez do poder e do lucro, e na verdade as três passam a estar indissociavelmente ligadas na nossa sociedade. (SEVCENKO, 1994 p. 22). Para o homem ocidental, o progresso passou a fazer parte da condição humana, transformando o indivíduo em sujeito e responsável por sua realização. O pensar livre proporcionou a revolução científica que levou à Revolução Industrial e à sua expansão pelo mundo. Em um novo ambiente, valorizando-se a liberdade e a individualidade, a vida social se transformou e as relações competitivas cada vez mais se configuraram.

O Homem na Contemporaneidade: O Sujeito e seu estar no Mundo

Em meio aos cenários advindos da modernidade, sobreveio um sujeito subordinado, inclusive, aos seus anseios de realização material, mas também associado a resultados negativos em relação aos desequilíbrios causados pelo individualismo. Como podemos observar, a Revolução Informacional, no âmbito da telefonia, por exemplo, dominada pela miniaturização, portabilidade e mobilidade, tem definido uma nova dinâmica nas relações sociais e esse fato aponta para um dos objetivos deste estudo: refletir sobre a postura individual do estudante universitário frente à dinâmica audiovisual e seus efeitos em ambientes de aprendizagem. Essa mudança tem transformado o modo de vida das pessoas, causando uma dependência eletrônica que incide sobre os contatos pessoais.

McLuhan (2008), educador e teórico da comunicação nos anos de 1960, reflete em um de seus livros sobre como os meios de comunicação poderiam vir a afetar a vida física e mental do homem, levando-o do mundo linear e mecânico da primeira Revolução Industrial para o novo mundo tátil, visual, áudio-tátil e tribalizado, definindo-se uma teia sinestésica na qual se pode adquirir a consciência dos triunfos e mutilações de uns e outros. Nesse contexto, observamos o quanto o uso contínuo de celulares pode modificar relações sociais, incidindo sobre a qualidade da aprendizagem, tanto individualmente como coletivamente em sala de aula.

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2017), ao analisar as dimensões da vida coletiva, mostra-nos o quanto, em sociedade, vem se tornando difícil e problemático o estar com o outro. Esse fato, como um aspecto da sociedade ocidental, contrapõe-se, na fala do sociólogo, à vida de outros povos. Identificamos, como exemplo, a relação de povos da África Austral com a alteridade, traduzida no termo “ubuntu”, que significa “eu sou porque tu és”, ou seja, “eu não existo senão na minha relação com os outros”.

Para o sociólogo Zygmunt Bauman (2008), o homem sempre teve por orientação, para a sua realização,

a lógica em selecionar as estratégias de vida – os empregos, as habilidades, as parcerias [...] Valores que se pensava valer a pena serem perseguidos e os meios comprovados para persegui-los. [...], têm sido substituídos por uma vida fragmentada vivida num tempo episódico [...], prevalecendo a desregulamentação, a privatização dos processos de formação de identidade, a dispersão das autoridades, a multiplicidade das mensagens. É uma subsequente fragmentação da vida. (BAUMAN, 2008, p. 160-163 - Adaptado)

O resgate de ambientes de estudo, conciliando o uso de meios eletrônicos com o incremento das relações sociais, poderá apresentar resultados mais efetivos na formação cultural, que se realizará por competências, entendidas como as capacidades para compreender situações, atuando da melhor forma possível no alcance de resultados. Competências relacionam-se ao saber fazer algo que, por sua vez, envolve uma série de habilidades manifestas a partir de treinamento e de disciplina intelectual.

O filósofo francês Edgar Morin (2003) também nos alerta para o fato de que as pessoas estão submetidas a processos de atomização; elas tendem a estar cada vez menos próximas umas das outras. E reportando-nos ao slogan *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, o lema da Revolução Francesa nos mostra que

a liberdade pode ser instituída pela Constituição, a igualdade pode, em certa medida, ser imposta pelas leis, mas a fraternidade, esta ninguém pode forçá-la exteriormente. Ela deve ser vivida.

Experimentamos, continuamente, a telecomunicação nos unificando, mas, contraditoriamente, separando-nos também. Nos ambientes de estudo, é preciso se reaprender a religar, a estabelecer uma conexão total, ou seja, uma conexão que realize um círculo completo, no dizer de Morin (2003).

Nesse círculo completo, precisamos resgatar o conhecimento, resultante das informações obtidas, contextualizando-as, qualificando esse conhecimento. Porém, vivenciamos um fator complicador, conforme análise de Morin (2003): a pessoa, tendo uma estrutura de pensamento determinista, vai rejeitar tudo o que lhe parece aleatório. Tudo aquilo que não entrar no seu esquema será afastado. Se tiver uma estrutura de pensamento atomizante, só irá perceber indivíduos isolados e rejeitará tudo o que trouxer uma relação de continuidade entre os elementos. Nesse sentido, a estrutura de pensamento dominante na nossa sociedade é disjuntiva e redutora. É disjuntiva porque separa os fatos, os dados, os problemas, as disciplinas, entre outros. E é redutora porque explica o conjunto organizado baseando-se em um elemento simples que o constitui.

Uma situação exemplificada por Morin (2003) trata da discussão sobre o humano. Alguns veem a variedade e a diversidade dos indivíduos e das culturas e acabam por apagar a unidade da espécie humana. Outros só enxergam a unidade da espécie humana e acabam ocultando a diversidade das culturas. Desse modo, mesmo de posse de dados, informações e conhecimentos idênticos, torna-se difícil os sujeitos se entenderem (MORIN, 2003, p. 128).

A Cultura Escolar: A Aprendizagem e seus Desafios

Com o objetivo de alcançar estratégias para reduzir a atuação individual no processo de aprendizagem, Morin (2003) nos explica que existimos numa forma dupla, exercitamos sem cessar um diálogo conosco que nos leva a dificuldades para nos relacionar com o outro. Há uma tendência a reduzir o outro a uma personalidade estática, ignorando sua multipotencialidade e sua multipersonalidade; nesse contexto, instala-se a incompreensão que dificulta os relacionamentos.

Em salas de aulas, as hostilidades entre os estudantes não decorrem apenas das disputas, mas também da atitude intelectual em não aceitar as ideias do outro, resultado dos graus de habilidades em trabalhar informações, transformando-as em conhecimento. Diante desse modo humano de ser, sem dúvida complexo, acreditamos na possibilidade de os indivíduos se religarem, principalmente em ambientes escolares, para exercitarem múltiplos processos de aprendizagem.

Morin (2003), em sua obra *A Cabeça bem-feita – repensar a reforma, reformar o pensamento*, analisa o quanto a especialização promotora do progresso tecnológico tem sido problemática em oferecer ao homem uma percepção da complexidade da vida alcançada. Existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, entre o todo e as partes, comenta Morin (2003), que configura a complexidade. Assim, a inteligência, que procura separar o complexo mundo em pedaços, relativamente, atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão em relação ao todo.

A cultura escolar, que se constrói compartimentando o conhecimento, precisa restaurar aptidões naturais para, contextualizando saberes, integrá-los em seus conjuntos, afirma-nos Morin (2003). É possível que o processo de aprendizagem se torne mais efetivo, podendo provocar a mudança de uma visão determinista e formal do sujeito para uma percepção mais livre e criadora. A contextualização tornará sinônimo da integração do conhecimento para a condução do dia a dia acadêmico.

Descritas a seguir e embasadas nas reflexões apresentadas neste estudo, são propostas duas estratégias para viabilizar o uso de habilidades orais e escritas no âmbito universitário, ativando meios para a prática do diálogo e da autonomia na obtenção de resultados. Por meio delas, ainda que exista o individualismo,

o processo de socialização do alunado estará em evidência por meio de ações colaborativas de uso do senso crítico, de diálogos e de consensos que vão possibilitar a configuração de produtos finais em equipe.

Atividade I

- Leitura de um texto, individualmente, para, em seguida, o estudante dialogar com o parceiro na produção de proposições V ou F;
- Recolher, trocando a atividade com outras DUPLAS para solução;
- Solução de dúvidas sobre o gabarito liberado e a formação de GRUPOS de 4 estudantes, compostos por DUPLAS que produzirão a atividade I + DUPLAS que as responderão;
- Produção de um texto síntese sobre o tema;
- Sorteio de GRUPOS para as apresentações dos textos produzidos e considerações sobre o tema trabalhado.

Atividade II

- Apresentar o programa de curso do semestre;
- Dividir a turma em GRUPOS;
- Sortear temas a serem estudados;
- Disponibilizar referências bibliográficas para cada tema;
- Apresentar cronograma para pesquisas e apresentações;
- Cada GRUPO produzirá um texto didático (texto+imagens) sobre o tema estudado;
- Os GRUPOS trocarão os produtos para estudo;
- Os GRUPOS produzirão um Estudo Dirigido de proposições F/V sobre o texto estudado;
- Devolução das proposições de F e V ao GRUPO autor do texto original para avaliação;
- Os GRUPOS definirão estratégias para a montagem de apresentações;
- Apresentações dos GRUPOS.

Considerações Finais

Na contemporaneidade, são múltiplos os desafios relacionados à aprendizagem vivenciados por professores e por alunos no contexto universitário. O maior deles talvez seja o de substituir os individualismos das ações pelo diálogo, sem receitas prontas, mas apontando possibilidades a partir de estratégias desenvolvidas com grupos de trabalho em sala de aula, de forma a transformá-la num espaço de discussões, reflexões e aprendizado, por meio dos saberes construídos.

O exercício da empatia para dinamizar a socialização e o respeito às diferenças poderá facilitar a conexão de um novo conhecimento a outro mais antigo, à luz das transformações informacionais oferecidas pela modernidade, incentivando os estudantes a um constante diálogo, com privilégio para o trabalho coletivo.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRASIL. INEP. **Censo da Educação Superior 2016**. Brasília: 31 ago. 2017. Disponível: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2016/apresentacao_censo_educacao_superior.pdf>. Acesso em 11 nov. 2017.

DUBY, George. **Ano 1000, Ano 2000 na pista dos nossos medos**. trad. Eugênio Michel da Silva, (et.al) São Paulo: Fundação da editora UNESP, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

BRASIL. INEP. **Censo da Educação Superior 2016**. Brasília: 31 de agosto de 2017. Disponível: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2016/apresentacao_censo_educacao_superior.pdf>. Acesso em 11 nov. 2017.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Rio de Janeiro: Cultrix Pensamento, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento**. São Paulo: Atual, 1994. Coleção Discutindo a História.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **O risco da desimaginação social**. Disponível: <<http://outraspalavras.net/destaques/boaventura-o-risco-da-desimaginacao-social/>>. Acesso em 08 dez. 2017.

TARNAS, Richard. **A epopeia do pensamento ocidental**: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo. Trad. Beatriz Sidou. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.